

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 7, N. 2, ano 2015 - Volume Temático: *Linguagem e Subjetividade*

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO NEGRO EM FORMA DE GRAFITE: QUESTIONANDO SENTIDOS DOMINANTES ATRAVÉS DO DISCURSO MULTIMODAL

*Geórgia Maria Feitosa e Paiva**

*Hiran Nogueira Moreira***

*Francisca Poliane Lima de Oliveira****

RESUMO

O racismo contra negros no Brasil é um problema latente, provocador e complexo, por mais que alguns setores sociais tentem tornar invisível tal situação. Essa realidade torna essa pesquisa relevante por esta levantar questões críticas a respeito das constituições dos sujeitos e seus discursos acerca do racismo, mas, principalmente por abranger o discurso que está inserido em práticas sociais tensas de resposta ao discurso dominante e estabelecedor de relações assimétricas de poder. A partir da Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough (2001), da Gramática do Design Visual de Gunther Kress e van Leeuwen (2006) e da concepção de texto de Hanks (2008), realizamos a análise crítica de três imagens (grafites) presentes em espaços públicos (muro e calçada) na rua Juvenal Galeno (Bairro do Benfica) e na avenida Treze de Maio (Bairro de Fátima), na cidade de Fortaleza - CE. Buscamos, assim, relacionar as implicações desses três referenciais teóricos na nossa análise: a definição de discurso, enquanto prática social, de Fairclough, aliada à sua concepção de texto como formação social, o processo conceitual simbólico sugestivo da Gramática do Design Visual e a concepção dinâmica de texto proposta por Hanks. O conjunto visual formado por texto e imagem nos grafites revela o discurso multimodal de um movimento negro que busca questionar os sentidos impostos pelo discurso racista dominante. Ao contrário do que o senso comum defende, os grafites são construções fecundas de sentido que produzem subjetividades e podem transformar o imaginário social.

Palavras-chave: Racismo; Análise do Discurso Crítica; Discurso Multimodal.

ABSTRACT

Racism against black people in Brazil is a latent problem, provocative, and complex even though a few social sectors try to make the situation invisible. This reality makes this research relevant by raising critical questions about the subjects constitution and their discourse on racism, but mainly to cover the inserted discourse in tense social practices in response to the dominant and asymmetrical power relations setter discourse. From the Social Theory of Norman Fairclough's Discourse (2001), the Grammar of Visual Design by Gunther Kress and van Leeuwen (2006) and Hanks' text concept (2008), we conducted a critical analysis of three images (graffiti) present in public spaces (wall and sidewalk) on Juvenal Galeno Street (Benfica) and 13 de Maio Avenue (Bairro de Fátima) in the city of Fortaleza - CE. We seek, therefore, to relate to the implications of these three theoretical frameworks in our analysis: Fairclough's definition of discourse as a social practice, together with its text design as a social formation, the Grammar of Visual Design's suggestive symbolic conceptual process, and the dynamic text design proposed by Hanks. The visual set consisting of text and image in graffiti reveals multimodal discourse of a black movement that seeks to question the way imposed by the dominant racist discourse. Contrary to common sense argues, graffiti are constructions impregnated of meaning that produce subjectivities and can transform the social imagination.

Keywords: Racism, Critical Discourse Analysis, Multimodal Discourse.

* Doutora em Linguística; Centro Universitário Estácio (FIC); georgiafeitosa@hotmail.com.

** Mestre em Linguística Aplicada; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE); hiranbrasil@yahoo.com.br.

*** Mestre em Linguística Aplicada; Universidade Estadual do Ceará (UECE); meuemail.poly@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Grafite e pichação são formas de produção discursiva que estão envolvidas em discussões complexas. A segunda é considerada crime e vandalismo, nos termos do artigo 65 da Lei 9.605/98 (Lei dos Crimes Ambientais), e a primeira já é permitida desde que autorizada pelos proprietários do imóvel onde será feita a intervenção. O consenso parece residir na ideia de que ambas são urbanas, ligadas à juventude e expressam ideias revolucionárias e/ou desejo de transgressão da ordem imposta. Além dessas características, temos que, para muitos, essas duas manifestações são consideradas marginais, por mais que o grafite, por exemplo, já tenha chegado às galerias de arte.

Com esta pesquisa descritiva exploratória pretendemos analisar, a partir de um diálogo teórico e metodológico entre ADC e GDV e embasados na concepção dinâmica de texto de Hanks, o discurso multimodal de grafites localizados em espaços urbanos da cidade de Fortaleza. O discurso que envolve texto e imagem refere-se à resposta antirracista de um grupo que não se identifica em suas produções visuais, mas que assume, claramente, o discurso de resistência às relações dominantes de poder que busca fazer permanentes relações raciais assimétricas.

Iniciamos com a discussão sobre a Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough para poder embasar a análise aqui construída numa perspectiva crítica e emancipadora da linguagem. Refletimos, principalmente, sobre a noção de discurso, que para Fairclough é um modo de ação, pois essa concepção parte da natureza social da linguagem defendida pela Análise do Discurso Crítica (doravante ADC).

Não obstante, também aplicamos um olhar reflexivo sobre o conceito tridimensional de discurso apresentado na obra *Discurso e mudança social* para compreender o que significa texto, prática discursiva e prática social, e assim ter elementos para identificar, criticamente, ideologia e hegemonia nas práticas discursivas e nas práticas sociais do discurso multimodal. É nesse momento que a concepção dinâmica de texto proposta por Hanks (2008) entra em relação com o objeto da presente pesquisa, pois se alinha sem muita dificuldade à ideia de discurso como ação social trazido por Fairclough.

O próximo norte teórico que empregamos é a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen. Para a descrição crítica dos elementos imagéticos, nos atemos aos processos conceituais da metafunção representacional, mas nos limitamos, principalmente, ao processo conceitual simbólico sugestivo, já que ele é o que melhor se adequa às imagens do corpus selecionado. A partir do recorte teórico que fazemos na obra de Kress e van Leeuwen com o intuito de dar assistência à proposta a que ora nos lançamos, percebemos que tais concepções também nos permitem fazer um diálogo teórico crítico com Fairclough e suas propostas de ADC.

PRINCIPAIS CONCEITOS DA TEORIA SOCIAL DO DISCURSO DE NORMAN FAIRCLOUGH

Como este artigo se inscreve na concepção de discurso da ADC, principalmente nos estudos inaugurais de Norman Fairclough, vemos como imperativo apresentar, inicialmente, o entendimento desse linguista britânico sobre discurso. Assim se pronuncia Fairclough (2001, p. 90-91.): “Ao usar

o termo discurso proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações.”

Quais são as implicações do conceito de discurso assumido por Fairclough? A primeira implicação refere-se ao entendimento do discurso, ou seja, como o autor o concebe. Para ele, o discurso é um modo de ação, isto é, uma forma em que o ser humano age sobre o mundo e sobre os outros e, também, um modo de representação das coisas, do homem e do mundo. Salientamos que tal representação não se dá de forma ingênua e arbitrária, pois Fairclough entende que o discurso é uma prática social de significação, onde o ser humano procura agir no mundo dotando-o de significado e não apenas repetindo ou copiando o que vê.

A segunda implicação diz respeito à relação dialética entre discurso e a estrutura social. Se para Fairclough discurso não é atividade exclusivamente individual e reflexo de variáveis, não há, então, entre discurso e estrutura social dicotomias, mas uma relação dialética, onde ele considera que o discurso seja moldado e restringido pela estrutura social. Nas palavras do linguista: “O discurso é socialmente constitutivo” (2001, p.91). Logo depois de escrever sua concepção de discurso, Fairclough (2001), na obra *Discurso e mudança social*, distingue três aspectos de seus efeitos construtivos. São eles:

1. O discurso contribui na construção das Identidades Sociais, Posições de Sujeito para Sujeitos Sociais e Tipos de Eu. Este primeiro efeito corresponde à função da linguagem identitária: relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso.
2. O discurso contribui na construção das Relações Sociais entre as pessoas. Este segundo efeito refere-se à função relacional: trata-se do modo como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas no próprio discurso.
3. O discurso está envolvido na construção de Sistemas de Conhecimentos e Crenças. Este terceiro efeito corresponde à função ideacional da linguagem: Estamos falando do modo pelo qual os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Segundo Fairclough (2001, p. 91-92.), “esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que coexistem e interagem em todo discurso – o que denominarei de funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’”.

Neste momento, é indispensável refletir sobre a proposta metodológica de Fairclough para uma análise textualmente orientada: a sua concepção tridimensional de discurso que ele a concebe em três partes interligadas:

Discurso como texto: Fica claro que Fairclough considera importante o aspecto textual para a análise de discurso quando afirma que “é uma hipótese de trabalho sensata supor que qualquer tipo de aspecto textual é potencialmente significativo na análise de discurso.”(2001, p. 102). Analisar o texto é buscar construir significados, pois ao contrário do que pensou Saussure, o signo é sim motivado, é racional para combinar um significante particular com um significado particular e tal motivação, para Fairclough, é social.

Neste ponto da fundamentação, achamos válido trazer, para reforçar a argumentação sobre a característica social do discurso, a noção de texto de Hanks (2008). Tal concepção advoga em favor de uma posição na qual “a dimensão do poder no e do texto é de primordial importância, já que ela liga a formação textual com as relações sociais e um sistema cultural mais abrangente” (p. 82). Em outras palavras, texto, para esse autor é um fenômeno social de linguagem.

Para que fique clara a relação que estamos tentando fazer, vejamos a questão do sentido dos verbos ocupar/invadir relativos à ação do MST no Brasil. No caso escolhido, não é possível dizer que os dois verbos têm o mesmo significado, ou que se tratam da mesma coisa, pois, ao afirmarmos que “o MST invadiu um terreno”, ou, ao dizemos que “o MST o ocupou”, fica implícito, para cada uma das escolhas, o posicionamento que se tem para a questão. Sendo, então, difícil desvincular os sentidos da realização social.

O que dissemos acima colabora para o entendimento do texto como produto social e se junta ao que Hanks (2008, p. 84) afirma sobre construção de sentido vista pelo ângulo da relação produto-processo-externalidade, “embora a conectividade formal e funcional possa fornecer uma base para o significado de um texto, é somente em união com o mundo sociocultural externo que ele se torna completo”. Essa colaboração nos auxilia na construção de uma compreensão desse artefato em relação constante com elementos que estão no interior do processo de construção discursivo e fora dele.

Prática Discursiva: A prática discursiva de Fairclough envolve os processos de produção, distribuição e consumo textual. Algo parecido com os elementos do processo de produção dos bens materiais e serviços (trabalho, instrumentos de produção, produção, distribuição e consumo). Os conceitos de produção, distribuição e consumo de textos aplicados por Fairclough à prática discursiva têm provável influência das raízes marxistas de sua teoria da ADC. Para ele, o discurso também é um produto que é construído, distribuído e consumido.

Quanto à produção, o texto é produzido de forma específica em diferentes contextos sociais. Já sobre a distribuição, pergunta-se como o texto chega aos leitores. Alguns textos têm distribuição simples, outros nem tanto, a sua distribuição é bem mais complexa. Sobre o terceiro processo, o consumo, Fairclough afirma que os textos são consumidos em contextos sociais diversos. Em alguns casos, o sujeito pode concentrar atenção total para o texto, como pode dividir a atenção com o texto e outras atividades. Também há maneiras distintas de consumo: não se lê uma bula de remédio da mesma forma que uma leitura bíblica, nem se lê um manual técnico de uma câmera digital do mesmo jeito que uma crônica. São consumos distintos.

Prática Social: Para Fairclough, a terceira dimensão da sua teoria tridimensional é a prática social, que ele a vê desde a perspectiva da ideologia e da hegemonia, trazendo para a reflexão a questão do discurso em relação à ideologia e ao poder. As relações de poder travam uma batalha hegemônica em busca de afirmação. Recorrendo a Althusser e a Gramsci, Fairclough mostra-nos que o discurso não está isento desta luta ideológica de hegemonia do poder.

O linguista britânico mais uma vez advoga que o discurso como prática social é um modo de ação no mundo. Nesta parte, Fairclough enfatizará a presença da ideologia e da hegemonia na prática discursiva como prática social. Para ele, a ideologia é construída nas relações intersubjetivas, ou seja, a ideologia é construída pelos sujeitos e para os sujeitos. Ideologia, segundo Fairclough, são:

Significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (2001, p. 117).

Em outras palavras, o discurso é o espaço de luta pelo poder, investido de ideologia. O discurso que não só representa o mundo, as coisas, as ideias, uma vez que ele também constrói valores, costumes, normas, moral, e, neste caso, ainda materializa a ideologia.

Quanto à hegemonia, o discurso que é espaço de luta pelo poder relaciona-se com a hegemonia enquanto esta é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes dominantes, domínio nunca total e definitivo, senão parcial e temporário. Então, hegemonia, para Fairclough também é construção de alianças para manter o poder, alianças que às vezes exige concessões do poder dominante. E por fim, hegemonia também é foco constante de luta entre classes, grupos, comunidades, partidos, movimentos, para manter ou romper alianças e relações de dominação.

Passamos agora para o discurso multimodal de Kress e van Leeuwen numa tentativa de iniciar um diálogo entre a ADC e os estudos da multimodalidade.

O DISCURSO MULTIMODAL E A GDV

Gunter Kress e van Leeuwen abriram as discussões sobre multimodalidade no cenário da Linguística Aplicada quando lançaram a Gramática do Design Visual (1996). Os dois pesquisadores definem multimodalidade como “O uso de vários modos semióticos no desenho de um produto ou evento semiótico.”¹ (2001, p. 201). Para Jewit, o objetivo dos estudos de multimodalidade é:

Estender a interpretação social da linguagem e seus significados para toda a gama de modos de representação e de comunicação ou recursos semióticos para a construção de significados que são empregados em uma cultura - como a imagem, escrita, gesto, olhar, fala, postura. (2009, p. 1).

Em outras palavras, a multimodalidade chama atenção da linguística, sem descartar os aspectos verbais da linguagem, para os diversos modos semióticos de significação da realidade. Não se pode mais compreender os produtos e eventos semióticos a partir somente da escrita e da oralidade, mas é preciso considerar as imagens, cores, sons, sabores, gestos e movimentos.

Partindo desse entendimento de multimodalidade, pretendemos ir até o que pensa Fairclough sobre a possibilidade de ir além do texto verbal e abranger a gama de modos semióticos ressaltados nas duas citações anteriores. Será que o linguista britânico se coaduna com o discurso multimodal?

¹ *The use of several semiotic modes in the design of a semiotic product or event.* (Tradução dos autores).

Acrescentaria que 'texto' é usado neste livro em um sentido que é bastante familiar na linguística, mas não alhures, para referir a qualquer produto escrito ou falado, de tal maneira que a transcrição de uma entrevista ou conversa, por exemplo seria denominada um 'texto'. A ênfase neste livro é sobre a linguagem e, portanto, textos linguísticos, mas é muito apropriado estender a noção de discurso a outras formas simbólicas, tais como imagens visuais e texto que são combinações de palavras e imagens – por exemplo, na publicidade. (FAIRCLOUGH, 2001, p.23).

Sim, Fairclough concorda com a possibilidade de considerar outras semioses na análise do discurso. Isso fica claro quando diz que “*é muito apropriado*” também considerar como discurso “*outras formas simbólicas*”. Não é de se admirar que Kress e van Leeuwen concordem nesse ponto e em outros com Fairclough, pois eles dois são parceiros de pesquisa em ADC havendo publicado vários livros no assunto. Inclusive estiveram com o autor de Discurso e mudança social quando realizaram em janeiro de 1991 um simpósio em Amsterdã juntamente com outros nomes da ADC, tais como Ruth Wodak e Teun van Dijk. Para Resende e Ramalho, este evento consolidou a ADC como disciplina (2006, p. 21).

Para consolidar o discurso multimodal enquanto pesquisa, entendemos que a Gramática do Design Visual (doravante GDV) serve como aparato teórico e metodológico para a descrição e a análise dos eventos multimodais em diálogo com outras disciplinas. Por isso, passamos agora a uma breve apresentação da GDV.

A Gramática do Design Visual

A GDV de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (1996) é a obra referencial dos estudos da multimodalidade na semiótica social e tem como base a teoria sistêmico-funcional de Michael Halliday, daí os dois autores realizarem uma ponte analógica entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a GDV.

Enquanto na teoria de Halliday temos três metafunções denominadas de *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, na GDV encontramos uma adaptação de tais metafunções para *representacional*, *interativa* e *composicional*, respectivamente. Trata-se de uma adaptação da terminologia funcional de Halliday, pois Kress e van Leeuwen consideram sua gramática como uma expansão da Gramática Sistêmico-Funcional já que “as funções propostas por Halliday podem ser usadas como categorias gerais e abstratas, aplicáveis não somente à linguagem verbal, mas também a todos os tipos de semiose humana.” (BRITO; PIMENTA, 2009, p.87). Ressaltamos que é justamente a produção de significado em outros tipos de semiose humana que interessa à proposta de Kress e van Leeuwen.

Segundo Almeida (2009, p.177), a GDV é “um meio sistemático de análise de estruturas visuais por um conjunto de regras e normas formais.” Por mais que o termo conjunto de regras e normas possa sugerir limites metodológicos de análise, é preciso reconhecer que:

O letramento visual, na perspectiva de análise sistemática oferecida pela GDV, ajuda a desmistificar uma percepção generalizada das imagens enquanto meios de entretenimento desprovidos de significados ideológicos, ao propor investigá-las a partir da perspectiva crítico-social, no qual os elementos composicionais de uma determinada estrutura visual se correlacionam para comunicar significados política e socialmente embasados. (ALMEIDA, 2009, p.177).

Ora, como se vê, ao considerar os diversos elementos composicionais (verbais e não-verbais) na estrutura visual, a GDV contempla a inter-relação entre linguagem escrita e imagem e assim vai além de uma mera descrição da imagem para teorizar, destaque-se, numa perspectiva crítica, a complexa relação entre o verbal e o não-verbal na construção do significado.

Enfatizando ainda mais esse ponto comum com a ADC, recorreremos outra vez a Almeida: “O aporte teórico de Kress e van Leeuwen advoga a conscientização das imagens (...) dotadas de significado potencial, e não como veículos neutros desprovidos de seu contexto social, político e cultural.” (ALMEIDA, 2009, p. 175).

E como nos guiamos pela primeira metafunção, e mais especificamente pelo processo conceitual simbólico, na seguinte seção propomos uma discussão sobre suas principais características.

A Metafunção Representacional

Para a análise visual, usaremos principalmente os processos conceituais simbólicos (doravante PCS). Contudo, como eles estão inseridos no interior da metafunção representacional, faz-se necessário explicá-la aqui para bem situar o leitor.

O objetivo da metafunção representacional é comunicar “a relação estabelecida entre os participantes internos de uma dada composição imagética” (ALMEIDA, 2009, p. 178). Tal relação divide-se em dois tipos: Relações onde os participantes visuais estão em movimento e relações onde os participantes do conjunto visual estão representados de maneira mais estática. A partir dessa divisão entendemos melhor as duas categorias que formam a metafunção representacional: Processos Narrativos e Processos Conceituais.

Para demonstrar como os participantes da imagem interagem em uma estrutura de ação, a GDV chama tal processo de narrativo. Como não utilizaremos este processo nesta análise, passaremos para os processos conceituais onde estão inseridos os processos simbólicos.

Ao contrário dos processos narrativos que utilizam verbos de ação, os processos conceituais fazem uso dos verbos de ligação. Essa característica fica evidente quando conhecemos a definição de processo conceitual: “Representam os participantes em termos de sua essência mais generalizada, mais ou menos estável e atemporal, em termos da estrutura de classes, ou significado”² (KRESS e van LEEUWEN, 2006, p.59).

Dessa maneira entendemos que os processos conceituais “definem, analisam ou classificam pessoas, objetos ou lugares” (ALMEIDA, 2008, P. 13). Daí que tal definição, análise e classificação se dão numa perspectiva de generalização, pois os elementos não são particulares, pessoais e não se oferecem características detalhadas das imagens. Processos conceituais são mais ou menos estáveis, porque as imagens geralmente, raras exceções, não expressam movimento e são atemporais porque estão num plano que não especifica o tempo. Kress e van Leeuwen entendem que tal representação se dá em termos de estrutura de classes ou significado, porque o conceito imagético pode classificar ou significar uma determinada imagem. Essa significação, como se pode perceber, tem relações com os processos conceituais simbólicos, para os quais agora dirigimos nosso olhar.

² Grifos nossos

O que são, então, processos conceituais simbólicos? Kress e van Leeuwen os definem assim: “Nos processos simbólicos, um participante é representado em termos do que significa ou do que ele é” (2006, p. 105). A GDV divide os PCS em dois tipos: Atributivos e Sugestivos. O primeiro é caracterizado pela presença de um ou mais participantes, realçados pelo nível de detalhamento da imagem, tamanho exagerado, luz, entre outros. Também é indispensável na caracterização do PCS Atributivo a presença de um portador (a imagem cujo significado ou identidade é apresentada) e seus atributos possessivos (aquilo que ajuda o observador a desvelar o que o participante representa, sua identidade, os significados que ele carrega).

Já os PCS Sugestivos (o que nos interessa nesta pesquisa) têm apenas um participante, o portador, ou seja, aquele que representa o significado ou a identidade em termos daquilo que lhe procede “como decorrentes das qualidades do portador” (KRESS e van LEEUWEN, 2006, p.106). O significado simbólico do portador é estabelecido não pelos detalhes da imagem, mas:

Por meio da mistura de cores, da suavidade do foco ou da acentuação da luminosidade, o que faz com que apenas o contorno ou a silhueta dos participantes seja apresentado. O valor simbólico aferido ao portador é determinado pelo modo como se dá o obscurecimento dos detalhes. (ALMEIDA, 2008, p. 17).

Silhuetas, que é o caso das imagens escolhidas para este artigo, se enquadram adequadamente nas características dos PCS. Daí que nos aproximamos de categorias de análise que nos darão possibilidade de uma análise crítica do discurso multimodal.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MULTIMODAL

Analizamos aqui o discurso antirracista construído por uma prática social conhecida como grafite, antes conhecida apenas como pichação. Ainda que ambas sejam, para alguns, práticas marginalizadas e consideradas por muitos como ato socialmente não aceito, para nós, essa manifestação de linguagem é um fato relevante, pois pode vir a ser a única maneira de certos discursos serem produzidos e distribuídos. Com o uso de sprays, estênceis³ e outros recursos e, às vezes, sem autorização dos proprietários, os artistas vão deixando suas mensagens e seus posicionamentos sociais pelos espaços urbanos.

Desta maneira, é possível afirmarmos que, no ambiente criativo do grafite, as condições sociais percebidas pelos grafiteiros é que constituem, algumas vezes, o tema de suas criações e, ao executar esses temas, eles nos expõem a um complexo processo de (re)elaboração criativa da realidade. Neste caso, o racismo deu o tom às criações.

Inicialmente, observamos que o lugar das intervenções visuais em si já é potencializador de grande significado: o corredor universitário e cultural de Fortaleza conhecido por seus grafites e outras manifestações populares. Em nossa opinião, essa escolha não é gratuita, uma vez que por este lugar transitam pessoas das mais diversas opiniões e status social. São detalhes que dariam outra análise na perspectiva da ADV e da GDV.

³ Fôrma de palavras e imagens com tipografia e figuras vazadas.

Propomo-nos a afirmar, também, que há uma dialética entre língua e sociedade, a dialética entre discurso e estrutura social, que segundo Fairclough: “é socialmente constitutivo.” (2001, p.91). E nesse sentido temos um ponto em comum entre ADC, GDV e a perspectiva de texto que consideramos nesta análise, como já destacamos através de Almeida quando a citamos para defender que as imagens são “dotadas de significado potencial, e não como veículos neutros desprovidos de seu contexto social, político e cultural” (ALMEIDA, 2009, p. 175).



Figura 1: meu cabelo é bom⁴



Figura 2: não tenho vergonha do meu

Assim, entendemos que as figuras 1 e 2 podem se enquadrar no processo conceitual simbólico sugestivo porque não vemos riqueza de detalhes nos traços que formam a cabeça de uma pessoa. As duas imagens sugerem que o portador do valor simbólico seja alguém da raça negra com cabelo grande, crespo, estilo “blackpower”, característica presente em muitos integrantes da raça negra. Isto é, as figuras 1 e 2 nos remetem à identificação do ser que se quer representar simbolicamente, o negro e essa identificação se confirma com o texto verbal: “Meu cabelo é bom, ruim é o racismo” (figura 1) e “Não tenho vergonha do meu [desenho de uma cabeça] tenha vergonha do seu racismo” (figura 2).

Vale destacar a cor preta da tinta usada na figura 2. Relembrando os PCS sugestivos, a cor figura como elemento identificador e significativo para ressaltar o significado e a definição do valor simbólico. Percebemos como no caso da figura 1 e 2, o discurso multimodal é uma resposta a alguma demanda. No caso aqui analisado, a demanda é de responder a discursos racistas ainda dominantes, pois são discursos disseminados no silêncio, ou seja, usam a estratégia da invisibilidade e do ocultamento para dificultar o seu combate.

Com base nesses raciocínios, podemos dizer que há uma tensão na resposta aos discursos dominantes, pondo em dúvida um modelo ideal. Supomos que a relação imagem-texto, aqui em discussão, representa essa tensão e essa ruptura ao modelo ideal de beleza dos cabelos e da cor da pele. Percebemos uma relação tensa de poder, na prática discursiva, entre aqueles que afirmam

⁴ As quatro fotografias aqui apresentadas são de autoria dos próprios autores deste artigo.

“Meu cabelo é bom, ruim é o racismo” e os que afirmam o contrário, justamente o discurso que não está explicitamente presente no muro, mas se revela pelo interdiscurso, uma vez que o grafite em apreço vem a ser resposta a um posicionamento discursivo anterior.

Nessa análise, visualizamos a primeira implicação para a concepção de linguagem como prática social, pois vemos que o discurso multimodal mostra, por meio da imagem e da exposição de uma frase, uma forma de como o ser social, no caso o grupo de grafite, age sobre o mundo e sobre os outros, ressignificando o sentido do que é bom e belo e não apenas considerando-o como ornamentação.

A segunda implicação diz respeito à relação dialética entre discurso e a estrutura social. Consideramos que esse discurso, por sua natureza multimodal, contribui para uma reconstituição das dimensões da estrutura social, visto que a estrutura que está posta oprime através de práticas discursivas e sociais de racismo. O discurso multimodal desse grupo visual é o espaço de luta pelo poder, investido de ideologia, contra um discurso que nega a diversidade racial. É o discurso que não só representa ideias, mas que também constrói valores, costumes, moral, e neste caso, materializa a ideologia.



Figura 3: silhueta de um corpo estendido no chão



Figura 4: recorte ampliado da Figura 3

Nesta linha, vemos se confirmar o que nos apresenta Rink (p.17, 2013) sobre alguns questionamentos que podem nortear a prática e a relação do grafite e dos grafiteiros com a realidade. Segundo esta autora, ao refletir-se sobre tal prática, muitas perguntas podem ser feitas: “O que querem eles? Enfeitar a cidade, chamar a atenção, estar presente ou contestar o que está posto?”. Os depoimentos, as evidências nos muros, e a presença cada vez maior nos espaços culturais das cidades nos apontam que o contato com essas produções estimulam o empreendimento de uma construção fecunda de sentidos, os quais, por sua vez, favorecem a dialética a que nos referimos anteriormente.

Pois com o conteúdo imagético de seus grafites, eles favorecem a produção de subjetividade, o que significa também a produção de uma nova forma de produzir cultura, engendrando novos elementos que enriquecem e transformam o imaginário social. (RINK, p. 21, 2013).

Queremos, também, discutir sobre o valor simbólico da imagem desenhada na figura 3. Como dito quando expusemos a GDV, os PCS Sugestivos têm apenas um participante, o portador. E no caso da imagem em discussão, o portador é “Felipe, 17 anos, negro e morto.” O significado simbólico do portador, enquanto ser assassinado, é estabelecido não pelos detalhes da imagem, mas pela silhueta já conhecida de representações visuais de filmes sobre assassinatos. Pensamos, que nesse caso, há uma intertextualidade imagética.

Outros indícios apontados no texto verbal nos permitem afirmar que ele é jovem, pois tem 17 anos, é negro, e, como já dito, se chama “Felipe”. A imagem reforça a informação verbal, presente na imagem, de que ele está morto, além da cor vermelha usada no desenho. Ousamos afirmar que tal cor quer apontar para o sangue enquanto representativo da morte que faz sangrar, ou seja, a imagem, em relação com a parte verbal da produção, representa o significado que se quer construir a partir das qualidades do portador: o morto que está ali é um jovem de 17 anos, negro. Chamar-se Felipe não particulariza a imagem, pois não se especifica qual Felipe já que não se insere nenhum sobrenome. Por isso, ainda temos uma generalização própria do PCS sugestivos.

Esses dados, extraídos da imagem na figura 3, levam-nos a constatar que a imagem, implicitamente, denuncia o racismo não declarado e não aceito pela democracia racial. O fato de o jovem morto ser negro é um fator de evidência do racismo que oprime e que é causa de mortes, realidade ainda não aceita no Brasil: a maioria esmagadora dos jovens mortos é negra, como Felipe, da silhueta, aquele do “corpo” estendido no chão!

Novamente, vemos como o discurso multimodal se inscreve na concepção de linguagem como forma de prática social possibilitando verificarmos a relação das duas implicações propostas por Fairclough em acordo com a concepção social de texto que adotamos para esta análise. Assim, dizemos que o grafite no chão é a forma que o grupo escolheu para agir sobre a consciência adormecida de quem passa por aquela calçada, uma imagem e uma expressão verbal que significam a morte de milhares de negros por causa da sua cor. A significação é obtida a partir da verificação da expressão da indignação desse grupo por causa da possibilidade de morte: a condição de negro leva ao risco de assassinato. Este é o ponto crucial. Morre-se porque estruturas sociais conduzem mais negros do que brancos para contextos de criminalidade

A segunda implicação que diz respeito à relação dialética entre discurso e a estrutura social se dá justamente por mostrar a relação estreita entre crimes e racismo contra negros. Parece-nos pertinente a seguinte afirmação de Resende e Ramalho: “Então, a desconstrução ideológica de textos que integram práticas sociais pode intervir de algum modo na sociedade, a fim de desvelar relações de dominação” (2006, p. 22).

Afirmamos que a dialética entre prática social e discurso se dá no ponto em que o movimento negro quer promover a desconstrução ideológica (RESENDE; RAMALHO, 2006) de práticas discursivas e sociais que podem intervir de alguma maneira nessa relação de dominação do discurso racista.

Fairclough diz que “o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário (...)” (2001, p. 91). Essa modelagem pode ser vista ao percebermos que o discurso antirracista surge

devido a relações sociais assimétricas e de dominação sobre os negros, de forma que o discurso multimodal da imagem de “Felipe” é um grito de indignação. E nesse sentido, a dialética entre discurso e práticas sociais revela a outra face do movimento dialético: o discurso também quer moldar tais práticas, justamente por tentar eliminar as realidades assimétricas de racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só entendendo e defendendo a natureza ideológica da linguagem foi possível perceber as relações de poder e a tensão no discurso multimodal analisado nesse artigo. Esse entendimento se deve, sobretudo, a concepção crítica de linguagem, como prática social, de Norman Fairclough, Kress e van Leeuwen, aqui adotadas.

Sem essa orientação teórica e metodológica não se desvelaria o questionamento que os produtores do discurso multimodal fazem ao discurso dominante de racismo contra negros. Há sentidos postos, na arena de lutas que é a vida social, sobre o que é bom e belo quando se fala do cabelo (extensivo à raça). Então, o grupo que se sente interpelado e oprimido em sua subjetividade pelo discurso que ataca uma raça pelo tipo de cabelo, resolve questionar tais práticas discursivas e sociais de dominação e assimetria.

Sem essa orientação também não seria possível vislumbrar que uma simples silhueta, com algumas palavras pintadas na calçada de uma via pública, está denunciando dados estatísticos graves e sérios sobre mortes de jovens negros. O que se revela mais grave numa sociedade dita democrática, livre e cidadã, segundo suas leis e alguns pontos de vistas dominantes. Deparamo-nos nesse discurso multimodal com embates discursivos travados nas arenas urbanas, os quais buscam legitimação dos sentidos históricos e do respeito que os negros exigem e têm direito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. de. **Do texto às imagens**: as novas fronteiras do letramento visual. In: PEREIRA, R. G; ROCA, P. (orgs.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

ALMEIDA, D. B. **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramentos. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais**: Reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005, p. 159-177.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, Editora da UNB, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: British Library Cataloguing in Publication Data, 1985.

HANKS, W. F. Texto e textualidade. In: BENTES, A. C.; REZENDE, Renato C.; MACHADO, Marco A. R. (Org.). **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-168.

JEWITT, C. (org.). **Handbook of Multimodal Analysis**. London: Routledge, 2009.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**: the modes and the media of contemporary communication. London: Edward Arnold, 2001.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the Grammar of visual design. London: Routledge, 2a.Edition, 2006.

MAGALHÃES, C. **Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras**. Revista Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 4, n. especial, p. 35-60, 2004.

REZENDE, V.de M. RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RINK, A. **Grafite**: intervenção urbana e arte. Curitiba: Appris, 2013.

